



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

Conta de vidro policromo encontrada no Castro de Sabroso

Em Fevereiro de 1933, em S. Cláudio do Barco, freguesia próxima das estações arqueológicas de Sabroso e Citânia, pessoa amiga ofereceu-me, juntamente com alguns fragmentos de cerâmica castreja, uma conta de vidro policromo que acabara de encontrar nas ruínas de Sabroso; servindo-me da planta topográfica levantada pelo Sr. Capitão Mário Cardoso ⁽¹⁾, procurei localizar e observar as condições em que tinha sido encontrada essa peça arqueológica. O meu saúdoso amigo e colega Dr. Rui de Serpa Pinto, a quem forneci tôdas as indicações que obtivera, tencionava fazer o estudo dessa conta, semelhante a duas outras existentes no Museu Antropológico da Faculdade de Ciências do Pôrto a que se referia a sua primeira nótula sôbre «Etnografia arqueológica» ⁽²⁾. Infelizmente a sua morte inesperada não lhe permitiu sequer iniciar êsse trabalho.

*

As contas de vidro policromo são peças arqueológicas relativamente raras, que teriam sido usadas como jóias de valor talvez em colares ou como pingentes. E' notável a semelhança de tôdas as peças

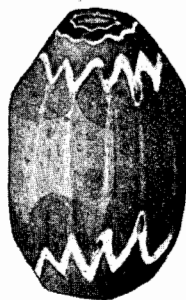
⁽¹⁾ Mário Cardoso, «Citânia e Sabroso» — Guimarães, 1930.

⁽²⁾ Rui de Serpa Pinto, «Etnografia Arqueológica» — Pôrto, 1932.

análogas encontradas em vários países da Europa e da América.

No seu estudo, cuidadosamente documentado, «Contas policromas de pasta vítrea» ⁽¹⁾, o Sr. Dr. F. Alves Pereira descreve a técnica provável do seu fabrico nos seguintes termos:

«A primeira operação consistiria em fabricar hastes ôcas de vidro, longitudinalmente perfuradas, cilíndricas ou prismáticas, mais ou menos grossas, constituídas pelo mesmo número de camadas vítreas, que estes artefactos apresentam. Depois as contas eram obtidas pela scisão daquelas hastes em curtos troços, sendo igualmente as extremidades dsetas chanfradas ou lapidadas com um certo número de facetas (6), de maneira que as peças ficassem aproximadamente ovóides, e assim as camadas vítreas, por isso que não eram lisas, mas caniculadas, adquiriam o aspecto estelar a que me referi. Em todos os exemplares as pontas ou bicos dos ziguezagues, às vezes levemente encurvados, são em número de doze.»



Estes dados e a gravura junta dispensam uma descrição detalhada da conta encontrada em Sabroso, limitando-me a indicar as suas características principais:

Comprimento da conta 37 ^m/_m, espessura máxima 24,5 ^m/_m, diâmetro do tubo central 3,5 ^m/_m.

Como todos os outros exemplares conhecidos, a camada vítrea exterior é azul, um pouco transparente, seguindo-se sucessivamente uma camada branca opaca, uma vermelha-escura opaca, uma segunda camada branca opaca, uma verde-carregado, outra branca e finalmente uma camada esverdeada que forma o tubo central.

Apresenta os dois topos com seis facetas. Um orifício longitudinal, aberto ao longo da primeira

⁽¹⁾ Dr. F. Alves Pereira, rev. «Portucale» — Vol. VI — Porto, 1933.

camada exterior de vidro branco opaco, mostra bem que a ornamentação dos topos não é superficial, correspondendo à técnica de fabrico que indicamos; Brent (citado pelo Sr. Dr. Alves Pereira) atribui estes orifícios abertos longitudinalmente e paralelos ao tubo central, que alguns exemplares apresentam, a causas acidentais de fabrico.

Esta conta foi encontrada no terrapleno, na encosta SE do Sabroso, onde está a cisterna, na parte interior da casa a SO, junto à parede N; estava a uma profundidade de 0,30m, aproximadamente, envolta na terra com vários fragmentos de cerâmica que não pertenciam ao mesmo vaso.

*

Como dissemos, as contas de vidro policromo encontram-se em vários países, mas a sua antiguidade, proveniência e difusão constituem problemas que a arqueologia ainda não conseguiu resolver.

Sobre a sua antiguidade, atribuem-se-lhes datas que variam dentro dum longo período compreendido entre as Idades do Bronze e do Ferro e o primeiro milénio P. C., não falando na indústria mais moderna cujo centro principal foi Veneza.

Admite-se que tenham uma origem oriental comum — o Egipto ou a Fenícia. Mas se é difícil localizar o centro de fabrico, mais complexo é o problema da sua difusão atribuída aos cartagineses, romanos, normandos, etc. A época da sua entrada nos diferentes países é desconhecida, porque se ignoram geralmente as condições em que foram encontradas as contas recolhidas nos diversos museus. Das existentes em Portugal, descritas por Estácio da Veiga ⁽¹⁾, Gabriel Pereira, Rui de Serpa Pinto e pelo Sr. Dr. F. Alves Pereira, nenhuma tem indicação precisa da localização do seu achado. Também não se pode precisar a época a que pertence a conta que descrevemos, dentro do período de utilização dos

⁽¹⁾ Estácio da Veiga, «Ant. Mon. do Algarve» — Vol. IV.

castros; algumas indicações poderá, talvez, fornecer quando sejam mais numerosas as peças análogas inventariadas.

E' provável que um dia, se se puder resolver o problema arqueológico das contas de vidro policromo, o exemplar que descrevemos seja dado valioso para o estabelecimento da cronologia castreja ou, pelo contrário, bem definida essa cronologia, o aparecimento das contas nos castros permita elucidar o obscuro problema arqueológico a que nos referimos.

ROSAS DA SILVA.